

# A FOLHA D' OVAR

FOLHA LITTERARIA E NOTICIOSA

DIRECTOR E RESPONSÁVEL — M. GOMES DIAS

## ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre.... 500 rs.  
com estampilha..... 600 "  
Fóra do reino accresce o porte do correio.  
Annuncia-se obras litterarias em troca de  
dois exemplares.—Pagamento adiantado  
**Redacção e Administração**  
**Largo de S. Miguel, 65**

## PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 rs. cada  
linha.  
Annuncios e communicados, 50 rs.: repeti-  
ções 25 rs.—Annuncios permanentes, 5 rs.  
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.  
Folha avulsa, 20 rs.

Séde da imprensa  
**Rua do Almada, 327—Porto.**

Ovar, 7 de abril

Entramos na primavera, n'essa esta-  
ção florida e risonha embalsamada  
pelo perfume dos campos verdejantes e  
emplumados e docemente embalados  
pelo garganteado maravilhoso do rou-  
xinol, o habitante invisível dos como-  
ros d'aldeia.

E' que no nosso Portugal, n'este  
*jardim á beira mar plantado*, a pri-  
mavera faz-se sentir como em poucas  
partes do globo. Aqui, essa poetica es-  
tação, perpassa mansamente com todo  
o seu cortejo de bellezas por entre os  
verdes pinheiros e vem de manhã  
brincar no campo com as irrequietas  
borboletas e beijar, uma por uma, as  
flores campestres deixando-lhes no ca-  
lice mimoso e colorido o nectar dos  
seus labios—o fresco orvalho.

A primavera...

Ai! é forçoso sepultar o estylo na  
vala do esquecimento, porque crêmos  
que a maior parte dos nossos leitores  
consideram um erime repugnante e  
atroz, o gostar-se um pouco de estylo,  
embora frouxo e trivial, no lugar acos-  
tumado á linguagem ligeira e severa,  
no artigo de fundo.

E' forçoso pois descambar da poesia  
para o realismo, do sonho para a vida.

Não importa! O scenario, como nas  
magicas, muda-se repentinamente e aos  
olhos do espectador apparece... o que?

Apparecem as estradas esburacadas  
e poeirentas d'um ao outro extremo da  
villa, quando a *scena* se acha illumi-  
nada pelo radiante sol da primavera e  
innundadas e lamacentas, quando se  
apaga essa sobrenatural *gambiarra* e  
o *palco* escurece.

Scena maravilhosa, scena edificante.

O peor é que os actores somos nós  
e os espectadores *graníticos* e impas-  
siveis são os senhores governantes que  
não sabem o quanto custa uma molha  
de calcanhares ou uma injeção de pó  
nos bronchios...

Paciencia!

Quando isto escrevemos soam no  
campanario do templo distante as cá-  
denciadas badaladas que annunciam a  
saudação da virgem. Tiramos o chapéo  
e humildemente pedimos a Deus que  
em vez de pó e chuva nos mande cal-  
lháu e saibro; só para as estradas, bem  
entendido.

Oxalá que o Senhor do céu nos ouça,  
já que os senhores da terra são mudos  
e surdos...

Oxalá!... Oxalá!...

## Litteratura

### Nem só de pão...

O conde, n'aquelle dia, levantou-se  
risonho. Saltou agilmente da cama e  
dirigiu-se para a janella a espreitar o  
tempo, trauteando uma canção de uma  
opereta muito em voga. Era de bom  
agouro aquillo. Quando, pela manhã,  
o titular cumprimentava o dia com um  
garganteado, era signal de que na ves-  
pera os numeros da roleta e os naipes  
do baralho lhe tinham sido propicios,  
já o filho e os creados sabiam que o  
conde seria de uma benevolencia e ge-  
nerosidade...; mas quando se levantava  
arrastando os pés, e não tinha para o  
bello sol brilhante uma saudação gor-  
geada, todos o esperavam de mau hu-  
mor, desde o cosinheiro, que seria ca-  
paz de satisfazer Luculo, ou mais mo-  
dernamente Brillat Savarin, até ao  
mordomo, o ideal dos mordomos. E'  
porque a sorte n'essa noite lhe tinha  
sido desfavoravel. O conde era viuvo  
ha muitos annos; casara por amor com  
uma sua parenta que o adorava. Pou-  
cos mezes depois, onze se bem me re-  
cordo, a estremecida companheira per-  
deu a vida, deixando-lhe um filho.  
Luctou muito tempo com a saudade e  
com a dor, que apenas se lhe mitiga-  
va quando, silencioso, debruçado sobre  
o pequenino berço, via dormir tranquil-  
lamente, entre as rendas, como avesin-  
ha entre plumagens, a cabecinha lou-  
ra do filho.

Não procurou outras affeições, nem  
quiz ligar-se a outra mulher; parecia-  
lhe uma profanação. Mas aquellas lon-  
gas noites de inverno, tristonhas e som-  
brias, passadas ao fogão, vendo crepi-  
tar o fogo, emquanto la fóra o venda-  
val rugia...; aquellas horas sem fim  
passadas na bibliotheca, em cujas estan-  
tes os volumes dormiam, desde que a  
esposa querida deixara de ir ali... ou  
passadas na sala, onde o piano jazia  
em silencio ha tanto... Que adoraveis  
noites, quando a condessa interpretava  
as musicas com a intenção de artista,  
e elle lhe juntava a sua bella voz de  
barytono, sã... Tudo isso passou me-  
nos a saudade. O filho dormia o somno  
dos anjos e só elle se sentia morrer  
ali de dôr! Era preciso reagir. Mas  
como? Procurar os bailes? Os theatros?  
Não. Lá estavam os salões, onde am-  
bos se perderam nas vertigens da wal-  
sa e os camarotes onde communicaram  
as suas impressões. Não, não era d'isso  
que precisava; nada que lhe recordasse  
a sua antiga felicidade presenciando a  
dos outros. Eram-lhe necessarias com-  
moções fortes, superiores á sua dôr,  
para lh'a abafarem; impressões vivas  
que lhe dominassem as do espirito. O  
jogo? Sim, ahí estaria talvez o remedio.  
E foi assim que o conde se fez joga-  
dor.

(Continúa).

Margarida.

## RECORDAÇÃO

Ao meditar nos saudosos *recuerdos*  
da mocidade, ao sentir repercutir os  
longinquos sons das graciosas e ame-  
nas peripecias d'esses alegres e felizes  
tempos, a alma parece estalar debil,  
tristemente.

Que intensa magua ao embalar me  
nas risonhas scenas de tão divertido  
passado, temperado com as mais finas  
e poeticas emanações amorosas, em  
que o coração se entusiasmava e ex-  
pandia ao receber o brando sopro do  
viver bohemio—cheio de encantos e  
prazeres!

—Ouvia a minha historia? Ouvia-a, meu Senhor?  
Oh! peço-lhe por quem no mundo sente amor,  
A esqueça para sempre, essa funesta historia!  
Eu sinto-a mais e mais gravada na memoria  
Se tento d'algum modo—ai! pobre tentativa!—  
Tornal-a uma illusão! Conservo-a ainda viva  
No cerebro abrazado em chammas de furor!  
Relembro-a a todo o instante e creia, meu senhor,  
Que sinto o coração dizendo a palpitar:  
«Vingança para o vil, que foi ludibriar  
A paz e o amor do pobre! Oh! sim! hei-de vingar-me!  
O proprio coração na lucta ha-de guiar-me!

Adeus! Talvez não torne a vel-o n'este mundo!  
Disse: e exalando um ai de dor, um ai profundo  
O forte marinheiro estende a grossa mão  
E apertando a minha em forte convulsão,  
Entrecortada a voz, disse outra vez: adeus!—

Então, ao affastar-se, eu vi dos olhos seus  
Rolarem-lhe dois bagos... eram de suor?  
Oh! não! eram as lagrimas, irmãs da dôr!

Adeus!... adeus!... adeus!... baixinho murmurei  
E escondendo a face... ai! eu tambem chorei!..

(Continúa)

(4)

Folhetim da *Folha d' Ovar*

## O PADRE CURA

POR

SILVESTRE AMENO

Então eu vi o olhar do forte marinheiro  
Brilhar d'um modo estranho. O aspecto galhofeiro  
Dos tempos de rapaz, dos tempos dos serões,  
Mudou-se totalmenta e agora em convulsões  
Sentia a custo o pranto—o allivio da desgraça!—  
A fronte era rugosa, a cutis negra e baça,  
O olhar profundo e triste—um mar de desesp'rança  
Onde só inspira a dor e onde não ha bonança!  
Em todo aquelle typo, eu traduzi fielmente  
A dor atrojante que a loucura sente!..

Apoz algum silencio, o hercules fitou-me  
E com aspecto grave e affiicto perguntou-me:

das graciosas e amenas peripecias d'esses alegres e felizes tempos.

Lilo Franco.

## O CAMPO

Tenho pela aldeia uma sympathia desusada.

Encontro n'ella tantos encantos, tanta doçura e suavidade nas sensações, que o não amal-a, seria uma ingratitude enorme!

Na aldeia de parceria com este grandiosissimo espectáculo que a Mão portentosa da natureza nos aponta dia a dia, ha tambem esta simplicidade jovial nos caracteres individuaes, este trato característico dos habitantes do campo que fatalmente nos prende, attrae e seduz.

Como é bello e ao mesmo tempo salutar percorrer nas balsamicas e sorridentes manhãs de primavera todo este ambito bordado da quintas e bosques, de veigas e silvedos, de rios e fontes, quando a transparencia anilada do céu é mais pura e acariciante e as flores exhalam mais intensamente o seu aroma delicado e fino!

Aqui, uma adeã de rosto moreno e compleição robusta, lança ao espaço a nota vibrante de suas canções, indicativas do sadio contentamento que lhe vai no intimo.

Além, um moço exuberante de vida, prometendo velhice, declara em voluptuoso convívio aquella que lhe resume o conjunto de phantasias que concebêra—o camponez tambem idealisa—toda a intensidade do affecto que por ella sente.

Nas balsas viridentes o rouxinol—esse *maestro* plumoso e aureolado, faz vibrar harmoniosamente, brilhantemente, as moleculas do ar tépido e macio.

O seu canto faz nascer em nós uma poesia tão deliciosamente melancolica que, ouvindo-o, como que deixamos este involucro material da nossa alma e fugimos para um mundo novo e ahi ficamos, por espaço, embriagados com aquella voz tão melodiosa. O verão na aldeia é formosissimo.

Quem assiste n'uma manhã serena de maio ao erguer-se indolente do sol, não sente revigorar-se e nascer-lhe um sentimento de respeitoa homenagem pelo Deus da Creação? Não sente uma magia nos sentidos ao respirar a longos haustos o ar purissimo e impregnado do aroma das flores e plantas sementeas das lagrimas crystallinas do orvalho?

O que vive *um pouco* do espirito deve sentir-o.

Eu troco de boa mente estas bellezas campezinhas, pela vida agitada das cidades grandes, pela cohorte de seus sabios e pelo numero *assaz prodigioso* de seus cafés e das suas habitantes chloróicas.

E' preciso ter tido a permanencia n'esses *grandes centros*, para avaliar bem quanto são preferiveis os attractivos da aldeia, a sinceridade de character do que habita o campo; ás hyprocrisias nojentas, ás apparencias luxuosas, escondendo muito lodo, da maior parte d'esses que tomaram o solo d'uma grande cidade para exhibição do *feitio* repellente da baixesa de seus sentimentos.

Oh! aldeia amar-te-hei por todo o sempre!...

Ovar, abril de 92.

Ernesto de Lima.

## PALMYRA

(A D. R. A. V.)

Palmyra era uma creança gentil e risonha de sete primaveras ainda incompletas, tinha encantos e bellezas que a faziam querida de todos e era excessivamente meiga; seus paes dispensavam-lhe affagos e carinhos e toda a gente a idolatrava e estremecia.

Vivera n'um poetico e ameno logar que se espelha nas limpidas e frescas agoas d'um rio, lindamente, graciosamente sombreado por elegantes e frondosas arvores, em cujos ramos

gorgitam as avezinhas, entoando melodiosas canções e cícia a brisa em magicos segredos.

A pudibunda joven e pequenino cherubim, vivia, pois, alli, bella como o desabrochar do lyrio e candida e formosa como o campear da lua, passando as horas preciosas de suas primaveras, em brinquedos infantis soltando canções innocentes como é innocente o pipilar dos passarinhos.

Era n'uma tarde do mez de julho—a um domingo—o bronze sagrado havia batido cinco horas, o sol, declinando no Oceano, enviara á natureza tenues raios para em breve a deixar immersa no lethargo da morte.

Palmyra foi passear juncto de suas manas—senhoras instruidas e sympathicas,—a uma quinta proxima afim de colher flores de que ella gostava muito e muito.

Todos estavam na quinta que era atravessada pelo rio que mencionamos rodeada de alamedas de buxo e semeada de malmequeres e boninas.

As manas mais velhas como gostassem de prescrutar o triste soluçar das aguas onde por vezes iam depositar seus segredos, sentaram-se na preciosa alcatifa de relva, brilhantemente, elegantemente matizada de flores, enquanto Palmyra saltitava, sorria, brincava, colhia margaridas dos prados, que ella tanto amava e corria graciosamente e esbelta caçando mariposas que avidamente chupavam o nectar das rosas.

N'isto andou alguns minutos de repente deparou com um rico viveiro, onde sobrenadavam carminados peixinhos, aproximou-se ao debruçar-se sobre o muro viu o seu reflexo que lhe pareceu uma outra menina com quem desejava brincar e tentando beijá-la, cahiu no tanque, onde á falta de recursos morreu com um sorriso angelical, que sempre paira nos labios da innocencia!...

Sepultara-se completamente o sol nos confins da immensidade e a lua campeando no infinito azul dos ceus sorria castamente, docemente sobre as duas manas advertindo-as assim da aproximação da noite.

Levantaram-se as duas senhoras, chamaram Palmyra, que já não fallava, procuram-na mas foi de balde, correram toda a quinta mas foi em vão; e quando voltaram já fatigadas e exaustas de tão infructiferas pesquisas, olharam para o viveiro, vendo ao cimo da agua, apenas despojos da innocente que havia voado á Patria Celeste!

Que lancinante e aguda afflicção acompanhou as duas estremecidas manas para quem faltava na terra um dos entes que mais amavam!

Resignaram-se comtudo pela evidente certeza que tinham, da innocencia ser premiada na bemaventurança.

Ois do Bairro, 1892.

Gonçalves Pereira.

## NOTICIARIO

S. Lazaro

Teve lugar no domingo ultimo a festividade d'este milagroso santo em Pardieiro, concelho d'Oliveira d'Azemeis.

Foi grande ali a concorrencia deromeiros.

Por um d'esses acasos imprevistos que se nos deparou, lá fomos tambem pela primeira vez, acompanhados por parte da nossa elite vareira.

Receberam-nos com muito agrado os visinhos do santo, seus devotos infalveis.

Ainda bem.

Por tal motivo pois, pozemos em lugar reservado a sociedade que nos deve caracterisar, engrrossamos mais a onda dos nossos patricios e amigos e permanecemos por horas, em genuinas *reinações*!

Uma banda *marcial* composta de sete musicos, deliciava os nossos ouvidos com os melodiosos, tão melodiosos sons sahidos dos instrumentos que, pelo seu *brilho* basso, mostravam se-

rem ante-diluvianos!; enquanto que, á sombra d'um soveiro, cumpríamos, ao mesmo tempo, a obrigação, como romeiros: ia-mos sepultando, *pauzadamente*, para o estomago, as rôscas as bellas rôscas doces!

Ai, que tarde!

—Então, antes algum tempo de regressarmos, aprovamos a ideia (oh! que ideia!) d'um amigo: todos os rapazes, em fileira, incluindo as nossas pessoas, percorreram algumas vezes o arruial, em passo grave, accelerado e por vezes... á carga!

O coração de qualquer que, por ventura estivesse negro de tristuras, com certeza, desanuviou-se n'aquelle momento pois tudo, tudo parece-me até que o céu e suas estrellas, se curvam ao effeito da ideia.

No regresso a reinação sempre em vigor.

E foi o S. Lazaro, fo medico das chagas humanas, que da sua capella do Pardieiro, nos chamou para saborearmos uma tarde divertida. Assim foi.

### Chegada

O ex.<sup>mo</sup> snr. dr. Anthero Cardozo, dignissimo delegado em Alcobaca e nosso illustre patricio acha-se entre nós desde o dia 28 de março ultimo, vindo de Coimbra, aonde se achava em tratamento.

E' satisfactorio o seu estado de saude, o que deveras estimamos.

—Chegou tambem da capital no dia 31 o ex.<sup>mo</sup> snr. dr. Sobreira.

### Annos

Fez hontem annos o ex.<sup>mo</sup> snr. dr. José Duarte Pereira do Amaral. As nossas sinceras felicitações.

### Ensaíos

Começaram, no dia 16 do passado mez, no nosso theatro, os ensaios da illustre troupe «O hig-life».

E', como costume, digno e entendido ensaiador, o reverendo P. Marques.

Os reconhecidos meritos dos amadores tem sido por muitas vezes provados.

E' inutil e somos inaptos para avaliarmol-os.

Uma razão forte, impedia-nos de fazel-o tambem... é que fazemos parte d'aquella *troupe*, como porteiros, e por isso, elogiar o que é nosso é feio, muito feio, improprio de nós e sujeito á critica!

Falla-se *muito em segredo*, que a receita terá logar no proximo dia de Paschoa.

Oxalá.

E' uma noite e companhia.

### Quem tem razão?

Manoel Poeta, da Ribeira participou em juizo, no dia 25 de março ultimo, que João André Boturão «O Pederneira», tambem da Ribeira, quizera arrumar-lhe de boa mente, com o lombaz d'um barco e que, não saciando este desejo, mandára-lhe duas pedradas que informam-nos, não lhe fizeram mal algum. Foi isto proveniente por questões que o primeiro não disse na sua participação requerimental.

O «Pederneira» fez o mesmo contra o Poeta: queixou-se no dia 30 do mesmo mez.

Diz elle que esteve prestes a ser mordido no seu estimado cachaço!

Certamente, não irão para a Africa e talvez, já estejam amigos.

### A crise nos cafés vareiros

O antigo e acreditado café «Cerveira» combinado com o «Pepino», nascido ha poucos mezes, tencionam fechar brevemente, as suas portas á numerosa freguezia que, diariamente, os visita. A maldita crise entrou por tal forma nos bolsos dos nossos *afficionados* que

os infelizes *cafêzeiros* vêem-se todas as noites de braços cruzados, á espera que qualquer freguez faça, pelo menos, a despeza de 30 reis, preço d'uma chavena de agua misturada com *pó preto*.

Aquellas duas cazas enchem-se todas as noites, é verdade, porém a crise...

Os bilhares estão cheios de pó; as cartas dormem e o café estraga-se!

O petroleo tem consummo alli; serve para alumiar os seus visitantes assíduos mas é raro alumiar qualquer nota, qualquer pataco! E' verdade.

Elles, os proprietarios dos indispensaveis cortiços dos *abilhões* fidalgos, é que não estão para perder por cauza da crise.

Que tencionam fazer então?!

Zás... afferrolham as portas dos taes cortiços e quem quizer que passe a noute a contemplar as estrellas e a ouvir o mocho!

Pobre de nós! Divertimentos só d'commendada, porém quem desejar saboreal-os, ha-de forçosamente lutar contra a terrivel crise...

E ahi estamos agora como as gallinhas:—ao pôr do sol, gallinheiro.

Providencias rapidas é o que pedimos a quem compete.

Não sabemos a quem: se ao Paiz, se aos governos, se a Deus.

A quem fôr emfim.

### Julgamento

Foram julgados em audiencia de processo correccional, no dia 1 do corrente, Antonio Rodrigues Raphael, casado, do Cadaval, de Vallega, Manoel Pereira Caió, solteiro, d'esta villa, e Maria de Jesus, casada, de Vallega, accusados do crime de resistencia ao ex-official da administração, Gonçalo Maria de Rezende, sendo absolvidos.

### Rectificação

Quando participamos no nosso ultimo numero o consorcio do sr. Abel de Pinho, veio errado o nome de sua ex.<sup>ma</sup> noiva por um lapso typographico.

Rectificamos a noticia.

O nome da esposa do nosso particular amigo é—D. Maria José Gomes Coentro.

### Julgamento

No dia 4 do corrente, foi julgado em audiencia de policia correccional, Joaquim Chia, surdo-mudo, accusado de ter ferido, com dois tiros de espingarda um cão de Jeronymo Alves Ferreira, e condemnado em 5 dias de prisão e 3 de multa na razao de 100 reis por dia.

### A' cautella

Afim de ser julgado nas audiencias geraes do presente semestre, apresentou-se no dia 4 e foi recolhido nas cadeias d'esta villa, Manoel Alves Ferreira pronunciado sem fiança pelo crime de homicidio frustrado na pessoa de Manoel Antonio Lopes Junior.

Do mal o menos: vale mais apresentação do que prisão.

Evitou ser visitado pelos officiaes de diligencias.

### O typho

Grassa intensamente pelo logar da Marinha d'esta villa.

### 5 horas preso

Foi João Saboga, do Outeiro, d'esta villa, preso na tarde do dia 3 e posto em liberdade ás 9 horas da noite.

Lá esteve o bom do homem 5 horas de gaiolla, por causa de andar pelas ruas acompanhado de muito chá de parreira.

Subscrição em favor das famílias das victimas da Povoação do Varzim.

Redacção da Folha d'Ovar.. 2\$500

## Correspondencias

### PELO MUNDO

Bella, surprehendente a procissão de Passos realisada no passado domingo na villa de S. Lourenço.

Eram quatro horas da tarde quando das Lezirias, a mais formosa capella da freguezia partiu depois do sermão do Pretorio, N. S. dos Passos caminho da Igreja Matriz.

No logar a Cruzinha, houve o sermão do encontro e na igreja do Calvaria.

Como o dia estivesse bom a concorrência foi grande.

Tocou marchas funebres a philarmónica de Paredes do Bairro.

—Falleceu na quinta da Ermida D. Sarah, carinhosa tia do nosso prestimoso amigo Alberto Ferreira Pinto Basto, a quem endereçamos o nosso cartão de luto.

—Tem graça! Diz o collega «Correio da Bairrada» que em Birmigão aconteceu ha pouco o seguinte: «A mulher d'um negociante falleceu n'uma terça-feira, o morido fê-la eterrar na quarta, casou-se com outra mulher na quinta, viu-se pae na sexta sem ter conhecimento do successo e enforcou-se de desesperado no sabbado».

Lá depressa andou elle; naturalmente foi enterrado no domingo, resuscitou... etc., etc.

Para ter tempo de fazer todas estas cousas havia tomado um trem.

—N'uma das noites da semana passada a neve causou graves prejuizos nos vinhedos da região da Bairrada.

No entanto se escaparem os cachos que ainda se vêem teremos sem duvida abundancia de vinho.

Ois do Bairro, Abril, 5.

A. G. Pires.

Coimbra, 3.

Apesar do grande Lamartine dizer no seu Raphael em caracteres de ouro o seguinte:

«Escreve acaso o vento os seus canticos sobre estas folhas sonoras das arvores?

Escreve o mar os gemidos das suas praias?

Nada do que está escripto é bello.»

Pois os poetas cançam-nos a paciencia, dizendo milhares de coisas bellamente bebidas na fonte da sua predilecta musa, impingindo nas longas estiradas de versos como verdadeira e rigorosa copia de todo o conjuncto da natureza.

E isto vem a proposito de querer dizer aos meus caros leitores que a primavera nos tem dado uns dias cheios de sol e calor. Ora, como sou refratario ás massadas, não quero de maneira nenhuma cançar a benevola paciencia dos leitores, não obstante a completa falta de assumpto, pois que a Porta Ferrea já não dá echos pitorescos para enchermos algumas linhas, nem os bombeiros com as suas scenas carnavalescas nos dão occasião de patear os seus relevantes serviços representados no palco da galhofa, e como de proposito até a politica parece abysmar-se n'um somno de aborrecimento, deleitando-se com sonhos terriveis e nunca vistos, sendo ponto obrigatorio o horroroso phantasma da hydra.

Apesar d'isto temos um punhadito de fessmolhas, na nossa sacola de mendigar noticias, com que podemos brindar os amantes d'estas mal alinhavadas linhas.

A primeira diz respeito ao joven mancebo e nosso patricio José Quadros. Conpungenos a nova que nos acaba de

dar. Desgostoso da vida mundana, desalentado pelos ruidosos rumores da sociedade e ludibriado pela mulher que elle loucamente amava, tomou a resolução de sentar praça no batalhão clerical.

E' com o coração varado da mais amarga tristeza que noticia esta nova na verdade surprehendente para aquelles que o conheciam e estimavam, attentas as suas ideias, e o seu genio folgazão e jovial. Nosso amigo espera fazer a estreia do seu novo mister na semana santa, onde deitará lições repassadas de tristeza e de fé. Empreguei muitos esforços para o dissuadir do passo arriscado que ia dar, cheguei até a pedir em nome das nossas gentis e formosas vareiras; mas o bruto... perdão, o nosso amigo a nada se moveu, eu antes foi peor fallar no sexo fragil, e como a materia atrahia a materia, fallando em saias rolaram-lhe pelas faces, frias lagrimas, grossas como punhos (como dizem os romancistas) porque veio-lhe ao espirito a imagem da sua ingrata.

Termino esta novidade recommendando aos seus amigos que não falem a onvir as primorosas e correctas lições: neophito sotaina.

Não tem fundamento a noticia que a maior parte dos jornaes tem dado a respeito da ida do regimento 23 para o Porto, e a vinda de 150 praças de cavallaria e 100 da guarda municipal para esta cidade, em virtude de quererem divorciar a Academia d'este regimento, pelas muitas sympathias que os ligam.

Ora nós, que convivemos intimamente com uns e outros, podemos asseverar que não existem taes laços, e que o 23 não está tão republicano como dizem.

—O gymnasio tenciona dar um saraú na Figueira da Foz., em beneficio dos operarios d'esta cidade, sem trabalho.

—Esteve entre nós o nosso distincto amigo Moysés Nora, que veio tomar ordens sacras.

—No sabbado partem para ahí os nossos amigos e collegas Manoel Bernardino d'Oliveira Vaz, Arnaldo Fragateiro, Manoel Quadros e José, e o dr. José d'Almeida, que vão descansar das fadigas escolares e encher os pulmões de ar puro na terra das castanhas piladas, em tempos de eleições.

Petiz.

## CHRONICA

São dez horas.

A sagrada luz do sol espalha-se pela terra e com tanta intensidade que o seu fogo apraz e acalora-me.

A aragem da manhã, já alta, embalsamada pelo odorifero olor dos campos, refresca-me docemente; estou recostado em uma branca pedra e com o corpo assente n'uma semi-ingreme la-deira coberta de herva e entremeada de musgo; os meus pés firmam-se no tópo d'um gigante carvalho, cujos ramos pendidos derramam a sua benificente sombra occultando a penetração dos raios do sol, os rólos de fumo do meu cigarro esvahem-se pelo espaço.

Estou só. No meu peito abrigam-se presentemente tres coizas:—a tranquillidade, o descanso e a meditação.

A vista espraia-se longamente: a natureza sorri.

Eis-nos no mez d'abril, no mez das manhãs mais bellas, no mez em que a primavera assenta os seus arraiaes por espaço de tres mezes!

E' chegada emfim, a estação dos amores!

Para a meditação, o ermo.

O local que faz termo á minha digressão e onde me vejo, não póde ser mais solitario, mais ricamente vestido com as gallas que a Natureza concede á estação presente, mais poetico emfim.

Porém eu, o observante extasiado, é que, vendo varia de gallas rectoricas e de conhecimentos litterarios a minha intelligencia, fico em silencio com a minha penna.

Ai, como o saber é tão apreciado e tão lindo!...

Se eu tivesse, como o fidalgo das lu-

vas, gozado a impagavel ventura de ser admittido, como o mais humilde discipulo, na grande escola dos ensaios da sabedoria, se bebesse, como o mesmo fidalgo, algumas porções de agua de universal fonte da sciencia, teria mais facilidade em fazer, ao menos, um pallido esboço do quadro em que a mão potente e incomparavel de Deus traçou as mais bellas e colloridas cores.

Mas, ai! Os medicos encarregados de penetrar a luz do saber nas cerradas trevas que se accumulam na minha intelligencia, conseguiram apenas abrir uma fenda por onde entrou só um frouxo e duvidoso raio.

Nada mais conseguí até hoje.

E a chronica?...

A primavera!...

Que de bem recebida és tu, theatro de bellezas!

Até os cançados da vida esperam-te, jubilosos, para que o teu sol venha tirar d'esse torpor, que o inverno transacto causou, os teus regelados membros e para que as mysteriosas azas da tua brisa fagueira toquem, meigamente, os seus seccos, descarnados e cadavericos labios, consolando-os, fortalecendo-os e, até, acalentando-os com a esperança de que, na tua volta, no anno anterior, os encontrarás ainda, e ainda por ti, rainha das estações, serão acariciados pela tua luz, pelo teu ar!

Esses veteranos da vida sentem no peito o calor da alegria á tua passagem.

E nós então?

Nós, a mocidade, mais, muito mais nos alegamos.

Quem é que não observa a pura essencia do prazer vendo-se rodeado de bellezas terrestres que se dilatam á vista nos campos espraçados, nos bosques, n'um sitio pittoresco emfim?! Quem? Ninguém, ninguem.

Imagina, leitor, o que diviso: a minha esquerda estendem-se trez fillas de arvores fructuosas de cujos galhos pendem delicadas e tenras flôres rodeadas de pequenissimas e verdejantes folhas; na minha frente, um agreste e ingreme monte d'onde se elevam grossos e altos pinheiros que parecem tocar nas nuvens; á esquerda um immenso assude embelezado, pelos lados, de verdes loureiros que embicam no cimo em forma de espiral; avisto o que descrevo d'uma malta de carvalhos. E' tudo isto disposto pela mão da natureza, em forma d'uma bacia, cujo fundo é um campo productivo cortado por um regatosinho.

Tudo isto é bello!

Tudo isto chama o observador á profunda meditação!

Assim estou eu...

Os diferentes passaros, em leves vôos, d'arvore em arvore, e de ramo em ramo, entoam os seus invariaveis chilros nos loureiros do assude, o melro, embuscado, solta pelo espaço a sua canção da tarde; acompanha tudo isto e monotono, o eterno sussurro do assude.

Então a melancholia, mas uma melancholia suave infiltra-se-me na alma...

Tenho penna, muita penna em não poder transportar para a chronica, as impressões que senti no meu passeio de domingo ultimo.

Foi n'esse domingo, em seguida ao café do almoço, que, sem destino certo, fui gosar a manhã.

O que vi e o que senti já f'o contei como sabes.

Mas ainda não terminou.

Vae lendo.

A luz crepuscular descia vagarosamente pela terra.

Esperava certa coisa em segredo; por isso passei sósinho pelo largo proximo da minha vivenda.

Repentinamente fui sobresaltado por uma voz forte mas doce: *alguem*, em passeio, cantava.

Não conheci, a principio, o saudoso cantor nocturno que continuou a deixar ir nas azas da brisa da noite, as... melodias que só d'uma privilegiada garganta pódem sahir.

O meu arrebatamento chegou, por vezes, a tal auge, que quasi adormecia emballado por aquella tão doce, tão sentimental voz!

Atrevi-me a embargar o passo cadencioso do passeante *rouxinol*.

—Ah! és tu?—perguntei a tal coisa. Depois que te tornaste celebre pela voz, andas a cantar o toda a hora do dia! Dize-me cá: cantas tambem a dormir?

—Não! — disse-me — e não porque (áparte a modestia) se, á noite, deixo soltar os meus canticos todos quantos nos ouvirem... adormecem...

A noite está bonita, percebes?—continou—e como brevemente levo á scena no S. João, do Porto, uma cançoneta...

—Ah, sim!—disseme—«O viuvo inconsolavel», não é?...

—Exactamente, exactamente, amigo Jayme. Adeus.

Adeus Pimenta.

Ao voltar, não cantou mais... por modestia.

Roguei-lhe uma praga e fui-me até casa.

Acabou a chronica.

Jayme.

## Secção charadistica

Decifrações das charados do n.º 7.

Maraschino.

Retribuição.

Serpente.

Papafigo.

Symbolo.

Vore.

Salpa.

Ufano.

Deleite.

Pudor.

Lesão.

Mirabeau.

Original.

Caloiro.

### LOGOGRIPHO

Ao insigne charadista Malvaisco Este notavel tyranno, 9—5—7—11. N'uma montanha sentado, 1—10—7—6—8. Olhando por um canudo, 4—2—3—11. Via ao longe o accusado, 6—10—2.

O conceito, meu leitor, Mostra-te certo lugar, Onde nem preso nem solto Tu te queres demorar.

### CHARADAS-TELEGRAMMAS

Café é ave? Café é planta? Harpa é tecido?

### CHARADA DECAPITADA

Oh! que bello—que o meu—tem! Se elle—dêsse, eu—estimaria muito.

### NOVISSIMAS

1—2—Não é boa esta cidade para a dôr.

1—1—1—Na musica? na musica! E' aqui o poste dos condemnados.

1—2—Esta carta d'affecto vai para uma praça africana.

K. Patão.

## ANNUNCIOS JUDICIAES

### Arrematação

(1.ª PUBLICAÇÃO)

No domingo, 24 do corrente, pelo meio dia, á porta do tribunal judicial d'esta comarca sito na Praça, d'esta villa, hão de ser postos em praça para serem arrematados por quem mais offerecer sobre o preço da respectiva avaliação, os bens abaixo mencionados, penhorados aos executados Antonio Marques Cantinho e mulher, do Cantinho, de Cortegaça, na execução de conciliação que a estes move Ma-

noel Pinto Fernandes Romeira, viuvo, do lugar de Castanheiros, freguezia d'Esmoris, todos d'esta comarca, a saber—duas terças partes de uma propriedade de maito e pinhal, denominada a Cruz, sita no lugar dos Paços, que toda confronta do norte com Francisco José da Silva e outros, sul com a viuva de José Alves Fardilha e poente com caminho, avaliadas as duas terças partes em 490\$000 reis—Uma leira de terra lavradia, denominada o Rodello, sita no lugar d'Aldeia, que confina do norte com José Marques da Costa e outros, sul com Nanoel José Marques d'Oliveira, nascente com a linha ferrea e poente com Manoel Alves Fardilha, avaliada em 45\$000 reis—Um palheiro ou caza de madeira, sita na costa do mar de Cortegaça, que parte do norte, nascente e poente com as arcias e sul com Antonio Rodrigues dos Santos, avaliado em 50\$000 reis—Uma propriedade de terra lavradia, denominada a Rossada, sita no lugar de Cortegacinhas, que confronta do norte com os herdeiros de José Marques dos Santos, sul com Antonio da Costa e Silva, nascente com caminho de servidão e poente com o rio, avaliada em 170\$000 reis. O dominio directo que consiste em 17\$480 de milho, e igual medida de centeio, e um quarto d'um frango, impoesto em uma leira de terra lavradia e maito, sita no lugar d'Aldeia, de Cortegaça, predio e dominio util pertencente a Anna d'Oliveira Dias, separada judicialmente de seu marido Domingos Alves Fardilha, avaliado em 20\$600 reis; todos estes predios, são sitos em Cortegaça.

Para a arrematação são citados os credores incertos.

Ovar, 3 d'abril de 1892.  
Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,  
Salgado e Carneiro

O escrivão,  
Frederico Ernesto Camarinha  
Abvagão. (12)

## Editos

(1.ª PUBLICAÇÃO)

Pelo Juizo de Direito da Comarca d'Ovar e cartorio do Escrivão Ferraz, correm editos de 60 e 30 dias, a contar da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do Governo», citando, pelos primeiros, os interessados Manoel Antonio da Silva Cassemes, e Bento Antonio da Silva, solteiros, auzentes na Republica dos Estados Unidos do Brazil; e pelos segundos, os credores e lo-

gatarios desconhecidos ou residentes fóra da comarca, para, no inventario orphanologico a que se procede por obito de João Antonio da Silva, viuvo, morador, que foi, no lugar de Terreiro, freguezia de S. Vicente, d'esta comarca, cumprirem com o disposto nos §§ 3.º e 4.º do artigo 696 do Codigo de Processo Civil.

Ovar, 30 de março de 1892.

Verifiquei  
O Juiz de Direito  
Salgado e Carneiro.

(11)  
O Escrivão,  
Eduardo Elyσιο Ferraz de Abreu.

## Editos de 30 dias

(1.ª PUBLICAÇÃO)

No juizo commercial da comarca de Ovar e pelo cartorio do escrivão respectivo, corre seus termos uma acção commercial, em que é auctor Antonio Rodrigues Branco, solteiro, proprietario, do lugar da Igreja, freguezia de Cortegaça, e reus Manoel Joaquim Alves Fructuoso e mulher, do lugar do Covello, e Manoel Francisco Regateiro, casado, do lugar da Igreja, todos da mesma freguezia, na qual o auctor pede aos reus a quantia de 260\$525 réis, sendo 249\$500 réis, por duas letras accites pelo primeiro reu e indossadas pelo segundo, e a vencerem-se em 19 e 22 de Janeiro do corrente anno; e 11\$025 réis, importancia das custas d'um arresto que o auctor requereu contra o indossante.

Por isso, pelo presente, são citados os reus Manoel Joaquim Alves Fructuoso e mulher, ausentes em parte incerta, para na segunda audiencia d'este juizo, decorridos que sejam 30 dias, que se começarão a contar da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do Governo», verem accusar e instaurar a acção, e bem assim o reu marido vir assignar termo de confissão ou negação de sua firma sob pena de se haver por confessada a referida acção, não comparendo.

As audiencias n'este juizo fazem-se ás segundas e quintas feiras de cada semana, por dez horas da manhã, no tribunal da comarca, sito na Praça, d'esta villa, ou nos dias immediatos, sendo aquellos santificados.

Ovar, 22 de Março de 1892.

Verifiquei.

O presidente do Tribunal do Commercio,  
Salgado e Carneiro.

O escrivão,  
Eduardo Elyσιο Ferraz de Abreu. (10)

# LIVRO DE FADOS

## Cantigas Populares ao desafio

LIVRO PARA

TRISTES E ALEGRES

112 paginas de leitura muito agradavel, por 120 réis!—Pelo correio, 130 réis.

Imprensa Economica, rua do Almada, 327.

O BARATEIRO  
Loja de Fazendas  
de Arnaldo Augusto da Silva Moura  
PRAÇA—OVAR

FAZ publico a todos os seus amigos e freguezes, bem como ao respeitavel publico, que tem no seu acreditado estabelecimento um lindo e variado sortimento de fazendas de todas as qualidades, taes como: flanellas d'algodão, setinetas, pannos familias e domesticos, chitas pretas, brancas e de côr, riseados, zephyres, lenços de varias qualidades, chailes pretos e de côr, nacionaes e estrangeiros, meriños de pura lã, castorinas as mais modernas, picotilhos, cheviotes, casimiras pretas e de côr, nacionaes e estrangeiras, camisolas de malha, lã e algodão, tanto para homem, como para senhora; botões de fantasia, pretos e de côr, guarnições de sêda e lã, bem como muitos outros objectos existentes na sua loja, que é impossivel aqui mencionar.

Outro sim faz publico de que no seu referido estabelecimento vende fatos feitos tanto para homem, como para creanza, de varias qualidades; bem como se encarrega de qualquer mão de obra que se lhe encommende.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

## ALFAIATE

Bernardo José Corrêa de Sá, da rua dos Ferradores, Ovar, ALFAIATE, faz fatos completos desde 1\$500 a 2\$000 réis.

Trabalha á portugueza.

## Molestias de pelle

Pomada Styracina, cura prompta e radical de todas as molestias de pelle: as impingens, nodoas, borbulhas, comichão, dartos, herpes, lepra, panno, sardas e as feridas antigas.

Preço 600 reis cada caixa.

## Creme das damas

Dá á face e a todo o corpo uma delicada brancura sem deixar o menor signal; tira as sardas, nodoas, borbulhas, e encobre os signaes das bexigas. Cada frasco 1\$200 réis.

Remette-se pelo correio a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou notas (em carta registada) a M. P. Monteiro, rua Monte Olivete, 16—Lisboa.

# HISTORIA

DA

# REVOLUÇÃO

## PORTUGUEZA

DE

# 1820

EDITORES LOPES & C.ª PORTO

119, Rua do Almada, 123 (esquina da rua da Fabrica)